

DA ÁGUA AO CONCRETO: INTERSTÍCIOS VÍDEO(GEO)GRÁFICOS

ANAEL RIBEIRO SOARES

Universidade Regional do Cariri. E-mail: anael.rs@gmail.com

JOSE THIAGO OLEGÁRIO ALVES

Universidade Regional do Cariri. E-mail: thiago-geoarripe@live.com

Exórdio

Até então, excetuando os estudos da rede de pesquisa “Imagens, geografias e educação”, as referências teóricas que contemplam a temática análoga ao espaço cinemático/filmico no campo da geografia, sobretudo no Brasil, ainda são bem exíguas, mas, nas poucas existentes, é possível notar um ponto de convergência entre elas, a saber, a concepção de que o filme é criador, graças a sua força representativa e de mobilização, de uma geografia própria, um espaço cinemático tributário de uma realidade “além-filme”. (OLIVEIRA Jr, 2012).

Oliveira Jr (1999, 2006, 2012), por exemplo, parte dessa premissa. Ele explicita que existem dois conceitos fundamentais, não necessariamente opostos, mas, sobretudo mútuos, os quais integram a composição do filme: lugares geográficos e locais fílmicos. Nas palavras do autor:

As cenas se desenrolam em locais fílmicos que muitas vezes se cruzam em com lugares (geográficos) para além dos filmes, contaminando esses lugares com seus sentidos, seus ângulos, seus enquadramentos, redefinindo-os perante os espectadores. (OLIVEIRA JR, 2001, p.02)

Na mesma linha de pensamento Queiroz Filho (2009) nos oferece fecundas contribuições, em sua tese, cujo objetivo explora a espacialidade produzida pelo filme “A Vila”, do diretor M. Night Shyamalan. Diz ele, em referência a intersecção Cinema/Espaço, que “ao assumirmos que há uma dimensão espacial inerente a

linguagem cinematográfica e que ela é perceptível em todas suas obras – os filmes – estamos partindo do argumento de que a experiência do cinema é uma experiência geográfica.” (QUEIROZ FILHO, 2009, p.19)

Podemos pensar, então, que enquanto durar o filme¹ estaremos diante de uma experiência (geográfica) em que tanto nossas imagens subjetivas, memorizadas, quanto as imagens produzidas pelo filme serão matéria basilar de uma geografia amalgamada, corolário inter-relacional no dizer Massey (2008) quanto ao espaço múltiplo. A partir daí, a imaginação imbricada, por um lado, pelos sentidos mobilizados pelo filme, e de outro, pelos lugares-imagens da experiência cotidiana, torna-se um constructo de camadas de significados em movimento.

Em outras palavras, delineiam-se geografias conjugadas por uma realidade extra-filme[lugares geográficos], apesar de nele constituídas em ressonâncias, acionada e ao mesmo tempo condensada pela memória dos sujeitos (ALMEIDA, 2011), a qual evoca acontecimentos, trajetórias, encontros, crivados na dimensão espacial. E são atuantes tal conjunto de vivências precisamente porque estabelecem pontes de significados concernentes aos sentidos derivados do filme e destes para com nossa ótica do espaço e do mundo real.

Sendo assim, conclui-se que a interface estabelecida entre linguagem audiovisual e geografia, no campo educacional, demanda conhecimentos imprescindíveis em se tratando da educação pelas imagens, seja estas estáticas ou em movimento. Esta experimentação aqui proposta contempla, sobretudo, alunos da educação básica no sentido de fomentar diálogos a partir da produção dessas “geografias fílmicas”, à luz da produção audiovisual brasileira contemporânea. Apostamos que “nosso esforço vai ao encontro de

¹ Para Oliveira Jr (1999), os filmes têm uma continuidade tal em que o tempo cronológico se dissolve, por conseguinte, resta apenas uma duração de sentidos, temporalidades existentes antes e após as imagens fílmicas.

caminhos possíveis (e não menos árduos) para fazer de nossas aulas um momento de crítica da realidade em que vivemos e, ao mesmo tempo, um lugar para sonhar com o mundo”. (BARBOSA, 2004, p.110)

No limiar das nossas atividades de ensino na educação básica, constantemente somos acometidos por um incomodo peculiar, a exemplo daquilo que afligira Oliveira Jr (2011, p. 121): “senti e sinto este incomodo quando ouço alunos e professores relacionarem diretamente os locais que são cenários ou locações dos filmes aos lugares além-filme – assumindo as imagens dos filmes como documentos da realidade geográfica.” Por outro lado, nas aulas, ao invés de tentar encontrar nos filmes as máculas do real deveríamos tomá-los como “realidade em si mesmas”, espaços criados, ressignificados no interior da narrativa. Em seguida, poderíamos procurar entender como esta imaginação espacial afeta os pensamentos espaciais dos nossos alunos. São, precisamente, esses os caminhos sugeridos por este texto ensaístico, cujo trajeto evoca paisagens-imagens fílmicas de um vídeo intitulado “Da água ao Concreto”.

O percurso da água ao concreto: alguns intertísios

A água, desde os primórdios, é um recurso natural decisivo para a consolidação da vida no planeta Terra. Sem ela, fenômenos sociais como a sedentarização do ser humano, cuja efetivação dissolveu o nomadismo, e a revolução agrícola, por exemplo, jamais teriam acontecido, o que deslocaria, por completo, os rumos da história da humanidade, impedindo o surgimento dos aglomerados humanos, limiar do que, hoje, conhecemos por cidade. Aliás, ainda a título de ilustração, basta retomarmos o princípio da filosofia para evidenciar a importância de tal recurso indispensável para todos os seres vivos. Consta que na Grécia antiga, seis séculos A.C, teria declarado o primeiro filósofo de que, por ora, temos conhecimento; eis que o filósofo da natureza Tales de Mileto teria dito: “Tudo é

água'. Com isso, certamente, Tales queria enfatizar o fato da água está presente diariamente em nossas vidas:

Por mais superficial que seja uma descrição das nossas atividades diárias é impossível deixar de notar a presença constante do elemento água especialmente nos cuidados diários com nosso próprio corpo e nos afazeres domésticos comuns. Todos os dias lavamos os olhos, as mãos, tomamos banho, tudo isto não com a convicção de estarmos cumprindo um conjunto frio e objetivo de preceitos de higiene, mas com uma certa sensação vaga e fugidia de prazer. (BRUNI, 1993, p.54)

Para o filósofo grego, a água seria o *arché*, o princípio de tudo que compõe *physis*, ou melhor, a natureza. E este é ponto aonde, de fato, queríamos chegar, uma vez que a presente proposta é geográfica – se bem que, convenhamos, em termos radicais, geografia e filosofia se confundem em dado momento da história. Mas nesse instante, deixemos para trás a história da filosofia e adentremos no pensamento mais especificamente geográfico.

É sabido, a partir do arcabouço teórico-metodológico miltoniano que, a produção e reprodução do espaço, mediante a categoria do trabalho, pressupõem a relação do homem com a natureza, fonte de matéria-prima da sociedade racionalista (pós)moderna, por meio de técnicas e relações sociais de (re)produção. Tanto mais produção, menos natureza primária, e, em consonância, mais cristalização espacial.

O arranjo que constitui o processo de produção espacial vincula uma diversidade de elementos, cria uma rede de influências, tendo como célula de ligação o homem, compreendido em seu sistema coletivo, isto é, a sociedade.

No princípio, o trabalho surgiu para suprir a necessidade de subsistência, no entanto, aos poucos, com a produção agrícola, se obtém excedentes e, a partir daí, inicia-se a comercialização, o aperfeiçoamento dos meios de produção, distribuição de bens, divi-

são de trabalho. Em suma, a sistematização das etapas econômicas. Por conseguinte, a complexificação espacial exige do homem ainda mais “vida em comum, uma existência organizada e “planificada” (SANTOS M, 1978, p. 202).

São estabelecidas determinadas fases e funções. Assim, a ordenação do tempo vai impondo ritmos às atividades cotidianas, e originando, dessa maneira, os primeiros passos do que viria a ser as práticas coletivas: as horas destinadas ao trabalho, descanso, lazer, e assim por diante. A estruturação espaço-temporal se faz presente distintamente segundo os lugares, em outras palavras, se têm “um arranjo particular dos objetos através dos quais o homem transforma a natureza” (SANTOS M, 1978, p.203).

Mesmo que de maneira embrionária, no momento em que se entrever a (re)produção do espaço, já se tinha, por assim dizer, controle por meio do espaço-tempo, dado que, quem domina a liberdade do movimento, a exemplo do ócio, igualmente domina a produção espacial, e faz dessas dimensões – espaço e tempo – a verdadeira prisão do homem. Na medida em que novas técnicas são instauradas, superando o meio natural, também, novos ritmos e estruturas espaciais indissociáveis vão se impondo a condição humana; a produtividade assegura maior rendimento ao mesmo tempo em que expande as fronteiras de matéria-prima, substituindo drasticamente, como já mencionamos, a primeira natureza pela natureza segunda. Daí resulta, a grosso modo, a produção do espaço. Dessa maneira,

da relação – o homem com a natureza – produz:

Os produtos necessários à sobrevivência da sociedade, capazes de satisfazer suas necessidades;

A natureza modificada, transformada, reproduzida;

Novas relações sociais, modos de pensar e de vida, cultura, ideias, etc. (FANI, 2011, p.30)

É nesse breve íterim exposto, que a Água, que antes compunha a primeira natureza, simplesmente passar a ser canalizada

para as cidades onde está fixada uma aglomeração de indivíduos, os quais procuram, a todo custo, adaptar-se ao ritmo e a condição urbana enquanto ser social. Trata-se da exploração predatória deste recurso natural, que no modo capitalista de produção, eivado pelo fetichismo mercadológico, atende fins político-econômicos, num percurso que vai “Da água ao Concreto”. O curta-metragem em questão se inicia com as paisagens-imagens de uma metrópole, ou poderíamos dizer, sendo mais coerente diante da narrativa, da metrópole.



Figura 1 – Fotograma do curta metragem “Da água ao concreto”.

Fonte: Youtube. Vídeo em formato digital “Da água do concreto”, 2004.

Isso porque não convém saber de que metrópole se trata, pois, nesse caso, não importa a particularidade de uma metrópole, mas sim aquilo que em termos universais faz da metrópole uma metrópole; eis aí a mirada a que o curta se propõe. Enquanto a vida cotidiana da urbes é apresentada em paisagens-imagens, uma narrativa em *off*, cuja inflexão transparece uma neutralidade, procura contextualizar o espectador dentro da trajetória.

Se para Tales – supracitado filósofo da natureza -, naquela “idade da Grécia antiga”, homem e natureza eram integrantes e

participes de uma unidade, digamos assim, ontológica, cuja água se fazia princípio, com a narrativa do curta, na “idade da pedra, o homem, caçador nômade se junta a outros homens em locais que podem se dispor de água, líquido sem cheiro, sem sabor e sem cor” porque embora ele necessite cotidianamente da água, já não a vê como princípio de tudo, tal qual nosso sábio filósofo, pelo contrário, vê nela um produto, assim como qualquer outro, conferindo-lhe, pois, um valor de troca.

“A água segue o curso e a água faz o curso”. (narrativa do curta-metragem) Organicamente, ela traça seu curso e dele se beneficia praticamente todos os seres vivos, sem exceção. Afinal, a água em sua constante configura seu o próprio ciclo renovável não é mesmo: evaporação, precipitação, escoamento superficial e subterrâneo.

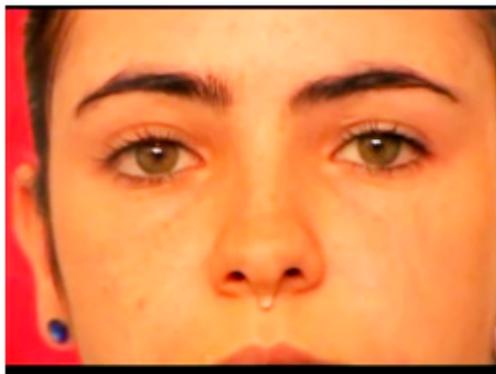


Figura 2 – Fotograma do curta metragem “Da água ao concreto”.

Fonte: Youtube. Vídeo em formato digital “Da água do concreto”, 2004.

O homem segue o curso, o homem faz o curso. E no curso do homem a água se espalha. Toda cidade é formada basicamente por homens, no curso dos homens, a água se espalha dentro de regiões muradas, as cidades. (narrativa do curta-metragem) Ainda que não enxerguemos a água, quando confinados em nossas casas, sitiados pelo concreto\cidade, mesmo assim, ela está lá, oculta, pois

Na verdade, todo ser vivo consiste principalmente de água. Nosso corpo contém cerca de 65% de água. O mesmo acontece com os camundongos. Um elefante e uma espiga de milho contém cerca de 70% de água. Um tomate contém cerca de 95% de água. Todas as funções orgânicas (digestão, circulação do sangue, respiração, excreção urinária, transpiração, etc.) exigem a renovação rápida da água contida nas células ou nos líquidos intercelulares. Todos os seres vivos necessitam de uma porção de água, desde a absorção de alimentos até a eliminação de resíduos. (BRUNI, 1993, p.55)

“Da necessidade de contato, o homem criou o concreto” (narrativa do curta-metragem) É sabido que ao passo que esse concreto\cidade, compreendida como relação social e como materialidade (SANTOS, 1993,p.6), implode-explode a partir da necessidade de absorção de outros novos espaços, via um crescimento espraiado racionalista e planejado, promovido por interesses político-econômicos, de agentes urbanos propriamente ditos (capital imobiliário, fundiário, dos meios de produção, do Estado, e também dos grupos sociais excluídos), mais se põe em risco o meio natural, bem como, conseqüentemente, seus recursos inerentes, dentre eles, a própria água. Ocorre que o concreto (cidade), cuja dinâmica é substancial, adota uma estratégia de onipresença: “no limite este movimento tende a devorar todo o espaço, transformando em urbana a sociedade como um todo.” (ROLNIK, 2002, p.12)

Figura 3: Fotograma do curta metragem “Da água ao concreto”.

Fonte: Youtube. Vídeo em formato digital “Da água do concreto”, 2004.



Todavia, suponhamos que, somente aqui, ocorreu um lapso de dúvida ao leitor, que, com razão, resolveu inquirir: do que se trata esse concreto-cidade a qual se refere como “regiões muradas” esse vídeo que até agora acompanhamos? A resposta não é algo fácil de se empreender conceitualmente, pelo menos não sozinho, e talvez nem mesmo com subsídios seja possível defini-la, de maneira que nos cabe, no máximo, uma aproximação.

Seguindo a narrativa, acompanhado pelo espaço fílmico que está sendo traçado, é Fani (2011, p.11) que nos socorre, de certo modo, à nível da aparência e indiretamente, corroborando com o curta: “A cidade aparece ao nossos olhos como *concreto* diretamente visível e percebido, formas, caos.” (grifo nosso)

As primeiras delas nasceram justamente às margens de rios, pois, “essas cidades surgiram em regiões com predomínio de climas semiáridos, daí a necessidade de se fixarem perto dos rios, repartir a água, repartir os escassos pastos, e proceder ao aproveitamento das planícies inundáveis, ricas de húmos e propícias ao desenvolvimento da agricultura.” (SPOSITO, 2000, p.18) A organização espacial ao longo dos séculos, vê-se, dar-se-á abalizada pela disponibilidade de água, embora isso não signifique um determinismo.



Figura 4: Fotograma do curta metragem “Da água ao concreto”.

Fonte: Youtube. Vídeo em formato digital “Da água do concreto”, 2004.

Na realidade, água e concreto, desde tempos longínquos, estabelecem uma relação desigual e contraditória, tal qual natureza e sociedade, ainda mais no advento do modo capitalista de produção. Isso porque, a rigor, o processo de desenvolvimento da humanidade corresponde a uma relação predatória, aonde a sociedade vai sobrepondo a natureza, *locus* originária da água, para dar lugar à dimensão do concreto. Entre água e concreto, existe um conflito que resguarda a natureza do espaço. Não obstante, observa-se que à medida que o concreto se expande, a água, paulatinamente, se retrai; às vezes lança contraofensivas, mas ao final das contas, a culminância, via regra, é negativa: o concreto-cidade se lança contra a água-natureza, reduzindo as possibilidades de uma relação próspera e una, cuja sociedade possa integrar a natureza, ao invés usufruir dela sem limites, num padrão mecanicista.

“Com o concreto, o homem constrói a margem da água, com o concreto o homem destrói a margem da água.” (narrativa do curta-metragem) A água precede o concreto, da mesma forma que a primeira natureza precede o aparecimento humano na superfície da terra. No meio natural, que vai desde o pré-cambriano ao pleistoceno, as leis que regem e ditam os fenômenos referem-se ao equilíbrio climático geológico. Em outras palavras, nessa fase, são basicamente as leis naturais que determinam os fenômenos universais do planeta.

Para Casseti (1995), foi com o aparecimento do homem, em algum momento do pleistoceno, que a evolução das forças produtivas vai respondendo pelo avanço na forma de apropriação e transformação da “primeira natureza”, criando a “segunda natureza”, ou digamos, substituindo a água pelo concreto. Na fase cujo concreto torna-se hegemônico, a qual a narrativa do vídeo concebe conotativamente como “a idade da pedra”, as leis sociais passam também a fazer parte do geossistema do planeta Terra.

As apropriações humanas sobre a natureza são ditadas pelo sistema cultural: homem-homem-natureza. Mas em cada comuni-

dade humana há formas distintas e singulares de se relacionar com o meio natural no tempo e no espaço, tendo em seu sistema cultural as bases dessa relação.

Porto Gonçalves (2001) nos diz que a separação homem-natureza é uma caracterização marcante do pensamento que tem dominado o chamado mundo ocidental, cuja matriz filosófica é a grega e romana clássica. Assim como Tales de Mileto, os demais filósofos pré-socráticos imaginavam uma relação intrínseca e inseparável entre os seres humanos e a natureza. Já com os filósofos Platão e Aristóteles a natureza torna-se desumanizada em função de uma dualidade dicotômica, logo se desprezam os pensamentos dos filósofos anteriores, chamados filósofos da natureza.

As religiões judaico-cristãs baseadas nas ideias de Deus, reavivadas no pensamento filosófico aristotélico, tiveram uma significativa influência na oposição homem-natureza. No cristianismo defende-se o domínio do homem perante a natureza, o homem é atribuído de privilégio sobre as outras criações do próprio Deus². Ainda segundo Porto Gonçalves, na filosofia, é com Descartes que se constitui o centro do pensamento racionalista moderno e contemporâneo, em que essa oposição homem-natureza, espírito-matéria, sujeito-objetos, tornar-se-á completo e hegemônico.

Essa oposição homem-natureza tem suas raízes não só na cultura propriamente dita, mas também em suas relações políticas e econômicas, a exemplo das revoluções industriais dos meios de produções.

“Da água ao Concreto” demonstram essas relações de apropriação ocidental moderna da natureza, cristalizada pela civilização industrial capitalista. No passado, a água era tida pelas comunidades humanas como algo importante para suas vidas, fonte de

² Eis que Deus teria dito: “façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.” (Gênesis 1:26)

sobrevivência, de vida, existindo até a deificação da mesma com seres imaginários da natureza. Com o desenvolvimento dos meios e processos de produção humana a água passa a ser dominada (dominação da natureza): são construídos diques, barragens, canalizadas, sobretudo, para regiões onde antes não havia água.

“Da necessidade de água, o homem criou a canalização. A canalização leva vida para dentro do concreto. A canalização de volta para água.” (narrativa do curta-metragem) Assim, acrescentado a água, minerais e rochas processadas forma-se um material chamado de concreto muito eficiente para a construção civil, o qual dá suporte às cidades. Então a água mercantilizada, é dominada pela canalização sendo transportadas pelos canos para dentro da cidade, do concreto, à luz da artificializaçãoespacial. Além disso, também por outra canalização a água é transportada para fora da cidade, de onde inicializará um novo ciclo, porém, agora artificial. A água natural foi transportada, foi artificializada, concebida como não-natural, doravante já volta para a natureza como uma água artificializada levando consigo os resíduos do concreto, por assim dizer. Arrematamos, sob a trajetória e narrativa do curta metragem, com a seguinte (in)conclusão:

O concreto segue o curso, o concreto faz o curso. E no curso do concreto, o homem se espalha. Toda construção é formada basicamente de concreto. No curso do concreto, o homem se isola dentro de regiões muradas, as paredes. Da necessidade isolamento, o homem criou a chave. Acumular chaves é abrir espaços e se encerrar nestes. Atingir o sucesso na cidade como homem e fracassar como humanidade.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, M. J. **Cinema – arte da memória**. Campinas: Autores Associados, 2011.

BRUNI, J, C. A água e a vida. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 53-65, 1993 (editado em nov. 1994)

BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: CARLOS, Ana Fani A. (org.) **A geografia em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 109-133.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. Editora Contexto, São Paulo, 2011.

CASSETI, V. **Ambiente e apropriação do relevo**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1995.

COLEÇÃO OS PENSADORES. **Pré-socráticos**. 2ª. Ed. São Paulo: ABRIL CULTURAL, 1978.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVERA JUNIOR, W. M. Lugares geográficos e(m) locais narrativos: um modo de se aproximar das geografias de cinema. In: MARANDOLA JR, E; HOLZER, W; OLIVERA, L. de (orgs). **Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva. 2012.

_____. **“O que seriam as geografias de cinema?”** [s/d] Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/atelaetexto/revistatxt2/wenceslao.htm>> Acesso em: 15 de janeiro de 2014.

_____. **Chuva de Cinema: entre a natureza e a cultura**. (tese de Doutorado). Campinas: FE/UNICAMP, 1999.

PORTO -GONÇALVES, C. W. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 8ed – São Paulo: Contexto, 2001.

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. **Vila-Floresta-Cidade: território e territorialidades no espaço fílmico**. TESE DE DOUTORADO. IG/ UNICAMP, 2009.

ROLNIK, R. **O que é cidade**. Coleção Primeiros Passos: 203, Editora Brasiliense, São Paulo, 2002.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova. Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **A urbanização brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1993.

Filmografia

DA ÁGUA AO CONCRETO. Direção: Waltuir Alves. Brasil, 2004.